

# CARTA-PROGRAMA PARA 2023

Chapa Hilda Hilst — Centro Acadêmico da Linguagem (CAL)

## ÍNDICE

1. APRESENTAÇÃO .....	1
2. COMO VEMOS O CENTRO ACADÊMICO .....	2
3. COMO NOS ORGANIZAMOS .....	3
4. AS AMEAÇAS NEOLIBERAIS AO ENSINO: LUTAR POR UMA UNIVERSIDADE POPULAR! .....	5
5. O IEL .....	7
6. AS MOBILIZAÇÕES NA UNICAMP: QUESTÕES CANDENTES.....	10
7. NOSSAS PROPOSTAS .....	11
REFERÊNCIAS .....	14

### 1. APRESENTAÇÃO

A chapa **Hilda Hilst** é organizada por estudantes do IEL que se propõem a promover a representação discente no Instituto, com o objetivo de viabilizar a mobilização em favor de uma Universidade popular e de uma comunidade geral mais igualitária e inclusiva. A presente carta-programa explicita os princípios que nos norteiam como chapa e elucida os caminhos pelos quais buscaremos, efetivamente, nos organizar frente às demandas e desafios enfrentados por ês estudantes e pela comunidade universitária na atualidade.

Escolhemos para a chapa o nome Hilda Hilst em homenagem à escritora, poeta e dramaturga paulista Hilda de Almeida Prado Hilst. Natural de Jaú, Hilda nasceu em 1930 e iniciou sua carreira literária aos vinte anos, com a publicação do livro de poemas “Presságio”, enquanto ainda era aluna da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Formou-se dois anos mais tarde, mas não seguiu a profissão, dedicando-se à literatura. Sua produção como escritora, composta por um amplo acervo de romances, crônicas, poemas e peças, é marcada por abordar abertamente temas considerados tabus ou controversos, explorando o profano e o erótico de forma a questionar o senso comum, a moral e os costumes vigentes. Hilda tinha plena consciência da ousadia contida em escrever como escrevia sendo uma mulher de sua época, e, por meio dessa homenagem, buscamos honrar o legado de não conformismo e coragem por ela deixado.

Por um longo período de sua vida, Hilda residiu em Campinas, onde construiu a Casa do Sol, local projetado especialmente para inspirar a criação artística. Além de servir de morada para Hilda, a Casa do Sol abrigou diversas outras autories e artistas, como Caio

Fernando Abreu, e atualmente sedia o Instituto Hilda Hilst, que mantém um acervo da obra da autora e se dedica a divulgar sua memória. Hilda foi também, em 1985, a primeira convidada do Programa de Artista Residente da Universidade Estadual de Campinas, iniciativa ainda em vigor que busca aproximar a Universidade da produção artística e cultural contemporânea e que, desde 2017, leva o nome de Hilda como homenageada.

Fundamentalmente, ao longo de sua jornada literária, Hilda escrevia para que fosse lida — ou seja, ouvida —, pois enxergava isso como a principal vontade de qualquer autore. Assim, ao nos colocarmos como representantes dês discentes do Instituto de Estudos da Linguagem, assumimos o compromisso de lutar para que ês estudantes sejam, de fato, ouvidos, e para que tenham seus interesses e reivindicações levados em conta na construção de uma Universidade para todes.

## **2. COMO VEMOS O CENTRO ACADÊMICO**

O Centro Acadêmico (CA) é uma entidade representativa dês estudantes de graduação e pós-graduação de um ou mais cursos de uma instituição acadêmica. Como principal canal de comunicação entre ês alunes e os demais setores da Universidade, entendemos que cabe ao CA situar e mobilizar a comunidade discente em torno de pautas políticas nacionais, como ameaças à vida, saúde, educação e ao trabalho, para que avancemos nas lutas de nossa classe. Por meio da organização coletiva de todos os setores estudantis, podemos nos munir de ferramentas de transformação social necessárias a fim de edificar uma Universidade justa e popular.

Portanto, é de responsabilidade do Centro Acadêmico da Linguagem (CAL), enquanto organização coletiva feita por estudantes do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), representar ês graduandes dos cursos de Letras, Linguística e Estudos Literários e ês pós-graduandes dos programas de Divulgação Científica e Cultural, Linguística, Linguística Aplicada e Teoria e História Literária, a fim de dar voz e integrar as demandas da comunidade acadêmica do Instituto.

Além disso, o CAL mantém um diálogo constante com ês Representantes Discentes (RDs) e com o movimento estudantil da Universidade, incluindo o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e os Conselhos de Representantes de Unidades (CRUs), por meio das assembleias organizadas periodicamente por essas instâncias; promove eventos acadêmicos, culturais e políticos; e realiza atividades recreativas extraclasse, como a “CALourada”, o “CALraokê” e a “Pizzada”. O CAL também possui uma sede dentro do IEL, onde os diversos

grupos existentes no Instituto podem se reunir para expressar suas identidades e compartilhar experiências, aproveitando o conforto do espaço e dos sofás.

Sendo assim, como entidade representativa de um conjunto plural de estudantes, acreditamos que a composição do CA também deva ser plural. Na chapa Hilda Hilst, contamos com membros de vários cursos do IEL, tanto da graduação como da pós-graduação; que estudam no período integral e no noturno; e que são engajadas nas lutas do movimento estudantil, feminista, LGBTQIA+, indígena e negro. Reconhecemos que a base dos estudantes tem um papel fundamental para que críticas e reivindicações sejam levantadas, e permite que os centros acadêmicos, como o CAL, possam organizar suas mobilizações de acordo com as demandas estudantis.

### 3. COMO NOS ORGANIZAMOS

Em termos de organização interna do Centro Acadêmico da Linguagem, visando um funcionamento eficiente e coordenado, cumprindo com todas as responsabilidades anteriormente estabelecidas a um Centro Acadêmico, e preocupando-se em atender às diretrizes presentes no estatuto do CAL, a Chapa Hilda Hilst divide-se em 7 Coordenadorias. É importante ressaltar que cada uma delas conta com um coordenador apontado por amplo acordo entre os membros da chapa, entre esses há o Coordenador Geral e o Tesoureiro (previstos no Estatuto [\[1\]](#)). Essa divisão interna busca maior organização e eficácia no cumprimento de tarefas e demandas apontadas por quem representamos: o corpo discente do IEL.

- A *Coordenadoria de Organização* é responsável por acompanhar e orientar o funcionamento das demais coordenadorias, por atribuir a divisão de tarefas, por promover a leitura e o debate de temas relacionados à vida estudantil — desenvolvendo a formação política dos membros — e por garantir a manutenção de uma vida interna saudável entre todos os integrantes da gestão.

- Exercendo a função de Tesouraria, a *Coordenadoria do Financeiro* é responsável por manter o caixa do CAL estável, por decidir para quais fins nosso dinheiro será utilizado e por promover campanhas financeiras, a fim de garantir recursos para a realização de nossos eventos e de outras necessidades referentes ao Centro Acadêmico e ao Instituto.

- A *Coordenadoria de Burocracia* lida com as questões burocráticas envolvendo o CAL. Saber lidar com os documentos necessários para o funcionamento interno e externo do Centro

Acadêmico — vide os diversos Estatutos da Universidade — e organizá-los é de responsabilidade dessa coordenadoria. Também é sua função lidar com as demais instâncias do IEL e da Unicamp e manter a gestão informada sobre o que ocorre nas instâncias deliberativas do Movimento Estudantil — por exemplo: nas Assembleias Gerais e nos Conselhos de Representantes de Unidades (CRUs).

- A *Coordenadoria de Permanência* tem como responsabilidade garantir a vivência acadêmica através de ações de apoio a alunes em situação de vulnerabilidade. As demandas feitas mais diretamente pelo corpo discente são atendidas por essa coordenadoria. Seu escopo de atuação abrange, desde a estrutura física e pessoal do IEL (reivindicando, por exemplo, mudanças no corpo docente ou acréscimo de funcionáries), até situações que envolvam diretamente ês alunes — de modo a acolher denúncias de assédio, de racismo, de LGBTfobia, de machismo e de quaisquer outros episódios de opressão, bem como a melhorar as condições para ês alunes que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

- A *Coordenadoria de Pós-Graduação* visa estabelecer, na prática, a integração dês pós-graduandes com o CAL, que estatutariamente também ês representa. Entendemos que suas demandas são diferentes e, portanto, essa coordenadoria tem o objetivo de conferir atenção especial às demandas e aos problemas relativos à Pós-Graduação, além de proporcionar uma base inicial para se encaminhar a construção de uma APG (Associação de Pós-Graduandos) no IEL.

- A *Coordenadoria de Eventos* é responsável por organizar eventos relevantes para a comunidade do IEL, de modo a abarcar questões do Instituto e do Movimento Estudantil da Unicamp, para além de temáticas candentes na conjuntura nacional. Ela também estrutura eventos recreativos, visando fomentar a boa integração entre funcionáries, professories e alunes do Instituto.

- A *Coordenadoria de Comunicação* é responsável por gerenciar o e-mail do CAL, os nossos canais de mídias sociais (Facebook e Instagram) e, também, por divulgar, constantemente, informes e eventos à comunidade do IEL — tanto por meio dessas mídias, como também por meios físicos (cartazes e folhetos espalhados no Instituto).

Compõem a chapa Hilda Hilst:

Ana Clara Mendonça Urbinatti - Letras Integral 022;

Gio Silvestrini Nasciutti - Linguística 022;

Gustavo Bonil da Silva - Letras Integral 021;

Lai Netto Otsuka - Letras Integral 022;  
Maria Clara Salla Nogueira - Letras Integral 021;  
Maria Júlia Brito de Freitas - Letras Integral 020;  
Mariana Lins Wolmer - Letras Integral 022;  
Matias Baungartner Trivisani - Letras Noturno 022;  
Milena Teles Silva - Letras Noturno 021;  
Paola Champi - Mestrado em divulgação Científica Cultural - Labjor/IEL;  
Vitor Camilotti Berni - Linguística 022.

#### **4. AS AMEAÇAS NEOLIBERAIS AO ENSINO: LUTAR POR UMA UNIVERSIDADE POPULAR!**

O Brasil, no começo do século, enfrentou um período de alta dos preços das commodities e do consumo interno — e, por isso, a força produtiva no país precisou cada vez mais de força de trabalho qualificada. Isso acabou incentivando o investimento na ciência e na pesquisa nacional, que se deu tanto por instituições públicas quanto privadas. Porém, com a redução do consumo interno e das commodities, as contradições do capitalismo se acentuaram no país e esse cenário se inverteu. Agora, a produção foca muito mais na exportação, o mercado interno perde sua força e a “indústria nacional” é desestruturada. O desenvolvimento de ciência e de tecnologia nacionais quase não está presente neste cenário, com exceção de alguns aparatos relacionados à produção agrícola. As universidades, por sua vez, não precisam mais ser formadoras de força de trabalho qualificada. Assim, as privatizações, os desmontes e a retirada de direitos são medidas vendidas como necessárias para “sair da crise”, sendo que ela é intrínseca ao próprio sistema.

Vivemos um momento de finalização do cenário pandêmico, que começou a se estabelecer no Brasil a partir do início de 2020. Durante esse período, as vis facetas do projeto político-econômico ultraliberal do governo Bolsonaro-Mourão foram escancaradas e o descaso do governo federal para com a vida da classe trabalhadora — representado pelo não incentivo das políticas de distanciamento social e pela demora na compra de vacinas — culminou na morte de mais de 688 mil brasileiros em decorrência de casos de Covid-19. A crise humanitária na qual se encontra o Brasil, entretanto, não é causada apenas pela pandemia: o governo Bolsonaro fez de tudo para que, nos últimos quatro anos, circulassem discursos fascistas no país, autorizando a violência religiosa, a LGBTfobia, as violências sexistas, o racismo e o capacitismo no Brasil. Segundo dados do Atlas da Violência<sup>[2]</sup>, os

índices de mortes violentas em grupos sociais marginalizados (mulheres, pessoas negras, pessoas indígenas e pessoas LGBTQI+) cresceram nos últimos anos. Além disso, o cenário econômico não se configura de maneira favorável ao povo brasileiro: enquanto mais da metade da classe trabalhadora recebe como herança do período pandêmico a insegurança alimentar<sup>[3]</sup>, esse mesmo período gerou a bilionária brasileira aumento de seu patrimônio<sup>[4]</sup>.

Somando-se a esse cenário, as eleições federais de 2022 também não trazem boas notícias para a maioria do povo. Apesar da vitória representada pela eleição de Lula para a presidência e a derrota institucional de Bolsonaro, essas eleições trouxeram para o comando do estado de São Paulo um ex-ministro do governo bolsonarista, que tem ligação com as milícias do Rio de Janeiro e que não tem compromisso com as liberdades democráticas, com o SUS e com a educação pública, gratuita e de qualidade. Também é importante ressaltar que nos deparamos com uma configuração de Congresso Nacional que, em sua maioria, trabalhará para continuar articulando os projetos bolsonaristas, e, portanto, os interesses da burguesia nacional. Não obstante, outros aparelhos do Estado também têm filiação à ideologia bolsonarista, como mostram as operações da Polícia Rodoviária Federal (PRF) no domingo de eleição, dia 30 de outubro de 2022, que visavam impedir os eleitores de chegarem às urnas nos locais com maior número de votos contrários ao governo, ação que caracteriza uma tentativa de golpe de Estado por parte de Bolsonaro.

As universidades públicas, espaços tradicionalmente reservados às elites burguesas do país, estão por um fio de perder os custosos avanços estudantis no ingresso e permanência da classe trabalhadora marginalizada no ensino superior. Assim como os outros setores da educação pública, as universidades federais e estaduais respiram por aparelhos após décadas de desmontes na educação brasileira: segundo o diretor da Andifes, o funcionamento das universidades federais está se tornando inviável<sup>[5]</sup>. Com o fim das restrições de distanciamento social da pandemia, a readaptação ao modelo presencial de ensino revela desigualdades entre os alunos, fator que é decisivo para o adoecimento dos discentes.

As bolsas que, para muitos estudantes, são as únicas formas efetivas de permanência estudantil, estão defasadas, sem reajuste há quase uma década. Os cortes orçamentários na educação atingem tanto os graduandos quanto os pós-graduandos, sendo que estes últimos tendem a viver no meio de uma rotina pesada, tentando balancear trabalhos e pesquisa enquanto buscam atender às expectativas de um espaço acadêmico elitista, onde impera o produtivismo. Ressaltamos que se, de um lado, temos a educação pública lutando para existir, do outro, temos os setores privados da educação crescendo cada vez mais, aumentando as pressões do capital nacional e internacional sobre as universidades públicas.

Sendo assim, compreendemos que, para frear o avanço das pautas neoliberais e os desmontes das universidades públicas que são característicos dessa conjuntura, devemos organizar e pautar as ações políticas no nosso local de atuação. Defendemos, como forma de combate a esses ataques, a educação popular, voltada para a classe trabalhadora e para todos. Rechaçamos as cartilhas do Banco Mundial e dos setores privados da educação, que prescrevem uma educação acessível apenas para os que podem pagar e que utilizarão seus conhecimentos para o enriquecimento de poucos<sup>[6]</sup>. Defendemos, portanto, a educação como pensada por Paulo Freire, por Álvaro Pinheiro Pinto e Dermeval Saviani, que compreendem a educação como instrumento de transformação social, feito da classe trabalhadora para a classe trabalhadora.

Como entidade, devemos fortalecer e organizar os estudantes. Temos que ir além de boletins informativos, de meros eventos lúdicos, do espontaneísmo e do autonomismo — retomando o caráter combativo dos espaços do Movimento Estudantil. Precisamos reconduzir o ME, pois é fato que ele, atualmente, vem se distanciando da base dos estudantes e se limitando apenas a disputas institucionais — desde os Centros e Diretórios Acadêmicos até as UEEs (União Estadual de Estudantes) e, sobretudo, a UNE (União Nacional dos Estudantes). Além disso, a resistência contra o neoliberalismo — que aparece na universidade pública pelo avanço do Ensino Híbrido, junto do discurso empreendedor e meritocrático — e as lutas por permanência estudantil são fundamentais e indissociáveis da luta política que queremos construir e articular, pois esses são passos essenciais para a construção de uma Universidade popular.

Portanto, entendemos que vivemos um momento em que a organização política e o enfrentamento a todas essas violências contra nossa classe são indispensáveis e inadiáveis. Por isso, queremos construir essa luta junto dos estudantes do IEL. Assumimos, então, uma postura crítica e combativa. Não nos conformaremos com pouco, pois nosso objetivo é a transformação da realidade. Como disse Brecht: “Desconfiai do mais trivial (...). Não aceiteis o que é de hábito como coisa natural. Pois, em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural. Nada deve parecer impossível de mudar”<sup>[7]</sup>.

## 5. O IEL

O Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) existe desde março de 1977. Antes disso, o curso de Linguística, criado em 1968 e nascido de uma corrente muito forte da Filosofia da

Linguagem existente no departamento de Filosofia, se localizava no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Com foco inicial em estudos linguísticos, o IEL foi sede do primeiro Departamento de Linguística do Brasil e, em seguida, testemunhou a criação dos departamentos de Teoria Literária e Linguística Aplicada (1982), sob direção do Prof. Dr. Antonio Candido de Mello e Souza. Desde então, nosso Instituto passou por diversas mudanças — contando, atualmente, com quatro cursos de graduação (Estudos Literários, Letras integral e noturno, e Linguística) e quatro Programas de Pós-graduação (Linguística, Linguística Aplicada, Teoria e História Literária, e Divulgação Científica e Cultural).

Além dessas mudanças na constituição dos cursos e dos programas de pós-graduação, o IEL também presenciou uma diversificação em seu corpo estudantil — com a implementação das cotas raciais no programa de Teoria e História Literária em 2017, e, logo depois, em 2019, com o primeiro ano das cotas raciais e do Vestibular Indígena na Unicamp como um todo. Por conta disso, o CAL historicamente assumiu o papel não só de recepcionar esses novos grupos no IEL, mas, também, de defender a permanência de todos os estudantes. Essas questões se mostram cada vez mais urgentes quando se trata do auxílio a alunos intercambistas, vindos de escola pública, indígenas e ingressantes via cotas raciais.

Entretanto, apesar dessa diversificação no corpo da nossa Universidade, a permanência estudantil está sendo cada vez mais atacada, e podemos ver a intensificação desses ataques especialmente nas áreas de humanas. A não atualização dos valores pagos nas bolsas já existentes e a redução da quantidade oferecida, junto dos cortes que elas vêm sofrendo — tanto na graduação quanto na pós — implicam em uma integralização bem mais penosa e cansativa, fazendo com que uma parcela significativa dos alunos passem a depender exclusivamente de atividades remuneradas dentro das modalidades BAS (Bolsa Auxílio-Social), PAD (Programa de Apoio Didático) e PED (Programa de Estágio Docente). É importante destacar que esses tipos de bolsas exigem que o universitário trabalhe para conseguir o auxílio e, por mais que os estudantes estejam dentro do campus, isso prejudica suas vidas acadêmicas, já que o tempo que pode ser dedicado aos estudos é reduzido. Entretanto, como há poucas vagas nesses programas e como o critério para a concessão de bolsas é o Coeficiente de Rendimento (CR), muitos estudantes acabam precisando procurar por empregos — o que, na maioria das vezes, não é conciliável com a grade esperada dos cursos do Instituto. Isso pode ser observado no curso de Letras Integral, que concentra uma média de 32 créditos na grade ideal de um único semestre após o primeiro período (a partir do catálogo de 2019), fazendo com que seja extremamente difícil terminar a graduação no tempo mínimo. Já no curso de Letras Noturno, concentra-se grande parte dos estudantes



trabalhadores do IEL, que, por precisarem realizar atividades remuneradas durante o dia, possuem menos tempo para se dedicarem às obrigações acadêmicas. Ademais, muitos alunos — sobretudo, mas não exclusivamente, as estudantes mulheres — ainda precisam conciliar suas rotinas de trabalho e estudo com tarefas domésticas e com o cuidado de familiares (avós, pais, filhos, etc).

Outro problema que observamos no IEL é a falta de nove docentes, resultado da suspensão de contratações — que ainda não tem uma previsão para acabar. Isso é agravado pelo fato de que muitas professorias não estão sendo propriamente substituídas após suas aposentadorias, levando a uma defasagem na integralização — já dificultosa — de nossos alunos. Além disso, o IEL conta com o oferecimento de certificados nas áreas de linguística<sup>[8]</sup>, editoração e tradução<sup>[9]</sup> — mas, devido à falta de professorias, muitas das disciplinas necessárias para a obtenção desses certificados deixam de ser oferecidas. Isso leva muitos alunos a tomarem uma das seguintes decisões: postergar o fim da graduação, na espera de que o Instituto volte a oferecer as disciplinas faltantes para obter o certificado; ou, então, desistir da obtenção desses. Entretanto, quando as disciplinas conseguem ser ministradas por pós-doutorandos, esses, infelizmente, não recebem salários condizentes com a extensa quantidade de trabalho que realizam. Outra questão relacionada à falta de contratações na Unicamp também pode ser observada no Centro de Ensino de Línguas da Unicamp (CEL). Vários dos cursos lá oferecidos não possuem turmas avançadas (acima do nível 4), porque não há docentes para ministrar as disciplinas. Isso pode acarretar em maiores dificuldades no ingresso na pós-graduação do IEL — pois o doutorado, por exemplo, conta com uma prova de proficiência para duas línguas estrangeiras.

Para mais, apesar de nosso Instituto possuir um histórico amplo de aceitação, em disciplinas e em cursos de graduação, de matrículas vindas de demais unidades de ensino, é comum que alunos de Letras, Linguística e Estudos Literários encontrem inúmeras dificuldades ao tentarem ser aceites em disciplinas de outros institutos ou reingressar em cursos fora do IEL. Por fim, também é relevante mencionar que, dentre os estágios remunerados oferecidos no catálogo da Unicamp, pouquíssimos são voltados ao IEL.

Cada curso do IEL possui suas próprias demandas e reivindicações. Por isso, o CAL tem como função escutar as necessidades dos estudantes — de modo a dialogar com docentes, funcionárias e membros da direção —, garantindo, assim, que todos tenham voz no Instituto. São estudantes do período noturno, por exemplo, não se sentem contemplados pelos horários em que é realizada a maior parte dos eventos no IEL, dado que uma parcela significativa desses estudantes trabalha durante o dia; são alunos de Estudos Literários

possuem questões relativas à composição do curso e a sua menor visibilidade. Já ês pós-graduandos, apesar de serem, em grande parte, responsáveis por manter os índices de excelência de nossa Universidade — a partir de publicações, participações em eventos e muito mais —, são esquecidas. É comum que elus exerçam duplas ou triplas jornadas de trabalho, visto que a maioria não consegue bolsas de pesquisa e que o processo para solicitar bolsas no SAE, já muito difícil na graduação, torna-se praticamente impossível na pós. As múltiplas jornadas de trabalho prejudicam tanto a qualidade de suas pesquisas quanto a saúde mental dês pesquisadores — e esse é o custo para sustentar a qualidade das instituições públicas de ensino superior. Isso posto, é dever do Centro Acadêmico garantir que as dificuldades, as críticas e as sugestões levantadas pela comunidade discente sejam resolvidas, a fim de que nosso Instituto seja um ambiente em que a permanência e as reivindicações estudantis sejam pautadas e devidamente tratadas. É necessário que um CA vá além de espaços deliberativos, já que compreendemos que esse espaço nem sempre se mostra, para os discentes e funcionários, um lugar de paridade e de deliberação coletiva. Desse modo, devemos nos organizar para lutar pela Universidade que queremos, massificando e organizando a luta estudantil. Acreditamos que um CA deve fazer muito mais do que encaminhar reivindicações: ele deve defender e construir uma Universidade para todes, dentro e fora das instâncias institucionais; reunir e dar força a ês estudantes; atender aos interesses da classe trabalhadora e contar com a presença dessa nos espaços universitários. Isto é, queremos criar uma Universidade que permita a permanência, a pesquisa e a integração; uma Universidade diversa e verdadeiramente popular.

## **6. AS MOBILIZAÇÕES NA UNICAMP: QUESTÕES CANDENTES**

Entendemos que o que ocorre atualmente no IEL e na Unicamp, no geral, é reflexo direto da conjuntura brasileira: a neoliberalização da sociedade. O avanço da terceirização dos servidores na Unicamp, o reitor Tom Zé se provando um verdadeiro antagonista da classe trabalhadora — ao não dialogar com ês funcionáries e não fornecer o reajuste necessário para a categoria —, a falta de concursos públicos para substituir professores que se aposentam, entre outros vários fatores, são problemáticos para alcançar uma Universidade Pública de qualidade.

No ano de 2022, estivemos diante de um Movimento Estudantil (ME) que lutava para se reconstruir, visto que, após 2 anos de ensino a distância, muito do que o ME construiu se perdeu, já que vários dês estudantes que estavam mais atives politicamente se formaram e a

maioria da base estudantil se renovou — com pessoas fruto do ensino remoto. Pelo menos na Unicamp, viemos de um 2021 sem uma gestão do DCE e um 2022 com um DCE muito mal organizado, com dificuldade em fazer o mínimo: chamar assembleias gerais, dialogar com os CAs e articular a luta estudantil com a luta dos outros setores da Universidade.

A partir do segundo semestre de 2022, o ME voltou a tomar fôlego, o que resultou nas paralisações dos dias 04 e 18 de outubro. Por meio dessas paralisações, ês estudantes reivindicaram, em conjunto com ês trabalhadoras da Unicamp, as cotas raciais e a implementação das cotas trans, e repudiaram a implementação dos pontos eletrônicos para ês funcionárias técnicas e administrativas. Além disso, as mobilizações tiveram por objetivo denunciar o descaso da reitoria para com ês trabalhadoras terceirizadas da Universidade, reivindicando a efetivação dessa categoria. Em especial, ês funcionárias terceirizadas dos restaurantes universitários têm seu processo de desmonte agravado pela nova empresa que gere esse serviço: a Soluções Terceirizadas, que é alvo de diversas denúncias no Rio de Janeiro por servir comida estragada. Após a troca de direção nos restaurantes, ês alunes encontraram vidro, barbante e um caracol na comida — a esse cenário, somam-se os inúmeros relatos de pessoas que passam mal após comer no bandejão e os relatos de abuso de poder e assédio moral contra ês funcionárias. Tal situação culminou no óbito de Cleide Aparecida Lopes, uma trabalhadora do bandejão do campus da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA), em Limeira, que faleceu em horário de trabalho, vítima das péssimas condições de trabalho em que se encontrava<sup>[10]</sup>. Cleide, presente!

No âmbito do IEL, vemos que a troca de direção que ocorrerá no próximo ano permite-nos ter um maior diálogo com o novo diretor. A partir disso, queremos tornar o instituto mais democrático, dialogando com todos os setores sobre questões de interesse geral, não só por meio de ambientes como a congregação, mas a partir de reuniões e e-mails.

Não podemos ficar inertes em face desse cenário. Assim, acompanhando a onda de retomada do movimento estudantil, a chapa Hilda Hilst compreende que é necessário que o Centro Acadêmico da Linguagem atue em conjunto com outras organizações estudantis para garantir a permanência estudantil, os direitos dês trabalhadoras e a criação de um espaço universitário que seja verdadeiramente plural, democrático e popular. Entendemos como nossa tarefa a defesa dos interesses da classe trabalhadora e dês estudantes trabalhadoras.

## **7. NOSSAS PROPOSTAS**

- Defender os interesses da comunidade estudantil do Instituto de Estudos da Linguagem;
- Organizar, editar e publicar o “ManuIEL” no início do próximo ano letivo (2023), a fim de divulgar informações pertinentes para que todos do IEL consigam se localizar na Universidade na volta às aulas e promover uma adaptação tranquila a ês ingressantes;
- Realizar a “CALourada” do IEL, com eventos lúdicos e políticos (mesas, debates, rodas de conversa, assembleias, entre outros), de modo que ês ingressantes sejam plenamente integradas ao nosso Instituto;
- Realizar o planejamento, venda e distribuição do Kit Bixo do IEL de 2023, juntamente com a comunidade discente;
- Promover uma apresentação do CAL e da Chapa Hilda Hilst a ês ingressantes, a fim de convidá-les a participar ativamente na construção da nossa gestão, e integrar com ês alunes de pós graduação, lutando para que a comunidade docente também integre com elus;
- Ampliar o contato com ês Representantes Discentes do IEL e da Unicamp, além de, no segundo semestre, convocar as inscrições para os cargos de RDs;
- Procurar uma maior aproximação com ês estudantes dos Programas de Pós-Graduação do IEL, por meio da coordenação de pós, de assembleias e do contato com a comunidade discente;
- Cobrar aulas noturnas para a pós; disciplina de metodologias obrigatórias;
- Dialogar com a coordenação para a criação de um canal direto dês alunes da pós com a coordenação por meio de um formulário de sugestões;
- Defesa da ampliação das bibliografias para garantir maior representatividade étnico-racial;
- Realizar reuniões abertas, divulgadas com antecedência, e reuniões ordinárias marcadas alternadamente nos horários de almoço e de janta, a fim de viabilizar a participação dês estudantes do período noturno nas atividades promovidas pelo CAL;
- Promover eventos, atividades de formação e espaços de discussão sobre temas presentes na conjuntura política, sobretudo universitária — como a função de classe da Universidade e as formas de materialização dessa função —, amplamente divulgados na comunidade do instituto.

- Promover eventos recreativos (realizar saraus, campeonatos de Just Dance, karaokês, cineclubes, campeonatos de jogos online, etc.), a fim de fomentar a integração entre funcionáries, docentes e discentes do IEL.
- Cobrar o oferecimento de eletivas necessárias aos certificados de linguística, tradução e editoração (nos dois períodos, diurno e noturno);
- Tendo em vista a curricularização da extensão no IEL, defender seu caráter popular, voltado para a comunidade de Campinas e região, e lutar para que ela não seja amarrada ao financiamento de grandes empresas;
- Colocar-se ao lado dês estudantes na luta pela permanência estudantil, em favor das bolsas, construindo mobilizações e organizar ês estudantes na luta pelo recebimento e pelo reajuste das bolsas do PIBID, da RP, da graduação e da pós graduação; e das bolsas SAE, BAS, BAM, etc.
- Divulgar os informes e os eventos de interesse do corpo discente, virtualmente e por meio de passagens em sala e cartazes;
- Junto aos discentes do IEL, lutar pela implementação das cotas para pessoas transexuais e também para PCDs na pós-graduação do instituto.
- Lutar pela ampliação das ações afirmativas para PCDs, começando, por exemplo, por mudanças na acessibilidade ao prédio do IEL.
- Lutar, junto à comunidade do Instituto, pela contratação de professories no CEL e no IEL e por salários justos a ês pós-doutorandes encarregades de disciplinas;
- Combater as tentativas de hibridização do ensino;
- Integrar os CRUs e as Assembleias Gerais, representando a comunidade estudantil do Instituto;
- Dialogar com outros institutos — sobretudo IFCH, IA e FE — sobre medidas de aceitação de alunes do IEL em suas disciplinas e sobre possibilidades de institucionalizar o reingresso de graduades no IEL em cursos das unidades de ensino citadas;
- Divulgar os estágios remunerados oferecidos pela Unicamp à comunidade do IEL e averiguar se é possível que mais oportunidades de estágio sejam oferecidas a ês estudantes pela própria Universidade;
- Promover maior visibilidade, dentro e fora do IEL, aos cursos de Linguística e Estudos Literários, além de tentar dialogar com outras instituições públicas de ensino superior que também os oferecem;

- Participar das manifestações políticas em defesa da educação, da saúde, da ciência e da pesquisa; por trabalho, por moradia, por alimentação e por outros direitos básicos que devem ser garantidos à população. Mobilizar a comunidade do Instituto para que todos se envolvam na luta por uma Universidade popular e por um mundo mais justo.
- Reorganizar a distribuição dos armários no IEL.
- Fazer a manutenção e a limpeza da sede do CAL com regularidade, já que é um espaço público para a comunidade e, por isso, deve ser devidamente cuidado e preservado;
- Lutar pela preservação da biblioteca, informática, CEDAE e demais ambientes do Instituto abertos e funcionais em todos os dias e períodos (integral e noturno).
- Lutar pelo oferecimento de aulas e palestras também no período noturno, para que alunes trabalhadoras da graduação e da pós também possam frequentá-las.
- Lutar pelo acesso a informação, para que alunes da pós e da graduação, de todos os cursos, estejam cientes e encontrem com facilidade informações sobre seus cursos e disciplinas, o desenvolvimento de pesquisas e burocracias necessárias, assim como informações que garantam acesso e participação em congressos, eventos, projetos de extensão e grupos de pesquisa.
- Recolher e encaminhar as novas propostas a serem apresentadas, ao longo do ano de 2023, pela comunidade discente, em nossas reuniões abertas e em demais espaços oficiais de comunicação com o Centro Acadêmico.

## REFERÊNCIAS

- [1] Estatuto do Centro Acadêmico da Linguagem. Disponível em: <<https://www.cal.iel.unica.mp.br/wp-content/uploads/2019/09/Estatuto-CAL-2016.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- [2] CERQUEIRA, Daniel et al. Atlas da Violência 2021. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- [3] GUEDES, Aline. Retorno do Brasil ao Mapa da Fome da ONU preocupa senadores e estudiosos. Agência Senado, 14 out. 2022. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos>>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- [4] Quem paga a conta. OXFAM Brasil. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/quem-paga-a-conta/>>. Acesso em: 3 nov. 2022.

- [5] Universidades federais são inviáveis com novo bloqueio, diz Andifes. Valor Econômico, 5 out. 2022. Disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/10/05/novo-bloqueio-do-orcamento-inviabiliza-universidades-federais-diz-andifes.ghtml>>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- [6] Kroton Educacional: ‘Em termos de educação pública nunca experimentamos um inimigo com uma força social tão concentrada como esse’. Instituto Humanitas Unisinos, 30 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/578444-kroton-educacional-e-m-termos-de-educacao-publica-nunca-experimentamos-um-inimigo-com-uma-forca-social-tao-concentrada-como-esse>>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- [7] BRECHT, Bertolt. Antologia poética. Rio de Janeiro: ELO Editora, 1982.
- [8] Certificados de estudos em Linguística – Instituto de Estudos da Linguagem. Disponível em: <<https://www.iel.unicamp.br/br/content/certificados-de-estudos-em-lingu%C3%ADstica>>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- [9] Certificados de estudos no curso de Estudos Literários – Instituto de Estudos da Linguagem. Disponível em: <<https://www.iel.unicamp.br/br/content/certificados-de-estudos-no-curso-de-estudos-liter%C3%A1rios>>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- [10] Funcionária é encontrada morta em restaurante universitário da Unicamp de Limeira. O Futuro de São Paulo, 29 set. 2022. Disponível em: <<https://www.ofuturodesp.com.br/funcionaria-e-encontrada-morta-em-restaurante-universitario-da-unicamp-de-limeira/>>. Acesso em: 3 nov. 2022.